

Liderança Ambiental – O Novo Desafio (Competência) para o Líder empresarial*

Fausto Antonio de Azevedo

Farmacêutico-Bioquímico (USP), Mestre em Toxicologia (USP), Especialista em Saúde Pública (USP), ex-Farm.-Bioquímico Toxicólogo da Cetesb (SP), ex-Gerente Técnico do Centro de Recursos Ambientais (CRA - Bahia), ex-Presidente do Centro de Pesquisas e Desenvolvimento (CEPED - Bahia), ex-Subsecretário do Planejamento, Ciência e Tecnologia (Seplantec - Bahia), ex-Diretor Geral do Centro de Recursos Ambientais (CRA - Bahia), ex-Superintendente de Planejamento Estratégico (Seplan - Bahia), ex-Assessor Técnico da Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (CMADS - Câmara Federal - Brasília). Diretor Executivo da AGIR - Associação Guardiã da APA do Pratigi. fausto@pratigi.org

* Publicado originalmente em AGIRÁS Revista AGIR de Ambiente e Sustentabilidades Ibirapitanga (BA), v. 1, n. 1, ago./nov. 2009.

1 O pensamento como base para a liderança.

Autoconhecimento

Tanto quanto possível temos estudado e observado criticamente o comportamento humano em sociedade e suas relações com a natureza, o meio ambiente. E o resultado dessa observação não nos agrada. Notamos que, de um lado o ser humano, de modo geral, tem-se afastado de si e de seus valores mais nobres, o que nos motivou a querer entender um pouco as questões da liderança. De outro lado, esse mesmo ser humano tem dedicado uma atenção bastante pálida aos cuidados ambientais, cuidados para com sua única casa. Isso, a seu turno, motivou nossa vida profissional. Em consequência, o artigo presente procura reunir as duas preocupações, trazendo à discussão o fato de que, além da necessidade permanente de desenvolver lideranças sadias e voltadas para o bem coletivo, essas lideranças, mais do que nunca, devem agora incorporar todos os princípios de uma ética e uma estética ambientais, a fim de que haja ainda uma chance de sobrevivência para a humanidade e seu planetinha azul.

Assim, o presente artigo é uma espécie de compilação lógica de outros dois que pudemos publicar e que serão adiante citados. Faremos uma síntese do texto anterior como ponte para o proposto no título desse artigo. Naquele trabalho¹ perguntávamos: quem será o herói de minha própria vida? quem me guiará? quem me liderará? Perguntas que habitam a mente e as preocupações de todos nós. Respondê-las é a primeira atitude na caminhada para se atingir capacidade de liderança. Para tanto, necessário se faz um passo atrás, em direção à procura do ser, de quem e do que nós somos.

Conhecer-se é ter ciência real das forças e carências pessoais. Forças: potencialidades, qualidades, virtudes, talentos, capacidades específicas. Carências: insuficiências e impropriedades de formação mais os medos e fantasmas próprios, dentre estes, timidez, depressão, obsessão, irascibilidade, rigidez, perfeccionismo e detalhismo compulsivos, sofreguidão quanto ao futuro, culto vaidoso e desmedido à imagem social.

Entendido e aceito o grande princípio socrático do autoconhecimento, a pergunta que salta é: é possível haver um líder que não se conheça (que não conheça a si mesmo)? Obviamente, não.

A construção do autoconhecimento, solitária construção, é escarpada e dolorosa, tanto quanto as dores de um parto. Continuamos crescentemente vítimas de idolatrias, que nos expulsam de nós. Nesses nossos tempos surgiram novos profetas, que têm sutilezas refinadas, ardis tecnológicos, e mantêm, assim (como outros faziam antigamente, mas por métodos mais grosseiros), a dominação que lhes convém, ou a seus grupos.

Não é exagero percebermos o mundo de hoje como decadente, em desintegração moral, cada vez mais sob o império de uma ideologia

AZEVEDO, Fausto Antonio de. Liderança Ambiental – O Novo Desafio (Competência) para o Líder empresarial. **RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v. 5, n. 3, p. 95-113, Out. 2012.

individualista. Parece-nos que domina uma atualização da máxima de Protágoras: “o homem é a medida das coisas”. Nossas atitudes cotidianas, a mecânica psicossocial de hoje, fazem-nos acreditar, de fato, que ao homem tudo pode – esclareça-se: ao interesse humano, à vaidade humana, à cobiça. Assim como parece ter ficado fora de moda a busca pelo transcendente, ainda que não místico, e pelo bem coletivo. A necessidade de transcendência, como se nota atualmente, se esgota na construção de um Deus individual à semelhança de si! Nenhuma religião no mundo ocidental conserva mais a capacidade de poder estabelecer uma força ordenadora e uma divindade comum.

Hoje é árido para as pessoas, principalmente os jovens, praticarem o pensamento – o seu real pensamento. Enfatizamos os jovens porque a eles pertence o momento presente e o reconhecimento da contestação, a eles se credita, mais do que a outros, o direito de não concordar, de indagar, de contra-argumentar, de confrontar. Mas fica muito difícil quando todas as demais mentes estão formatadas por outros alinhamentos e intenções. Como posso mergulhar em mim, procurar o autoconhecimento desvestindo-me do tudo que aí fora está dito que eu sou e para eu ser? Como, sozinho, lutar contra isso sem virar um estranho. Se o dourado ‘modo de ser’ bombardeado pela mídia é um, e o rebanho o assume, como solitariamente eu poderei ser outro, sabendo que minha energia emocional tem que se nutrir nesse mundo além de mim? Essas perguntas, e outras da mesma genética, poderiam ser feitas quase interminavelmente. Então, é hercúleo, sem dúvida, nos tempos presentes e para um ser humano comum, remar contra a corrente, fazer a imersão, e tentar descobrir o que verdadeiramente se é, o que eu sou em minha essência, na fronteira última, e não aquilo que a agência de publicidade X diz que eu sou (ou deveria ser). Todo esse intrincado cenário só faz inibir o jovem, desorientando-o. Insistimos com o jovem, i) porque o Brasil é um país de população jovem, de acordo com todas as estatísticas do IBGE², ii) porque a maior parte das pessoas que constituem o suposto público-alvo dos cursos e livros de liderança são do sexo masculino e têm até 30 anos de idade (observação pessoal), iii) porque é exatamente esse o segmento da PEA (População Economicamente Ativa) destinado a comandar projetos e empresas no curto e no médio prazos. Uma força que atua potentemente durante essa idade jovem, e que teve seu epicentro na adolescência, é a da agregação, da formação de grupo. Quanto mais jovem se é (cronológica ou psicologicamente) maior a necessidade de turma e mais difícil a convivência com a solidão amadurecedora e com imersões em si, o que se dizer então da assunção de comportamentos não tribais. Eis a grande dificuldade que o exercício do autoconhecimento tem a encarar. Além do mais, é inegável a tendência dos mais jovens à veneração, o que via de regra resulta em cegueira. E como nossa atual lógica de mercado postula tudo isso: o consumo, a padronização, a aglutinação, a formação de torcidas consumidoras, a construção da personalidade individualizada e não-rebanho fica cada vez mais custosa, penosa.

AZEVEDO, Fausto Antonio de. Liderança Ambiental – O Novo Desafio (Competência) para o Líder empresarial. *RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade*, v. 5, n. 3, p. 95-113, Out. 2012.

Por sob a mesmice, por sob a vontade de rebanho, surge também, embora com algum grau de anestesia, a vontade da diferenciação, a busca-culto da individualidade, da necessidade de se apartar para se ver e ser, e essa individualização, de alguma maneira, termina por reforçar o senso de competitividade, que tão bem o próprio sistema coopta, para, servindo-se da mídia e dos consultores especialistas de plantão, produzir a crença na necessidade e na existência de líderes. E tome-se cursos de fim de semana para formar os tais!

Virtudes

Arrisquemos algo herético: reunir oito virtudes convenientes à sobrevivência do líder e de sua liderança. Qual o risco? A leviandade de fundir quatro virtudes apontadas por Platão, as naturais (ou cardeais) – prudência, fortaleza, temperança, justiça – com as quatro virtudes mencionadas por Nietzsche (aforismo 284 de Para Além do Bem e do Mal) – coragem, perspicácia, simpatia e solidão. Os dois pensadores também se encontravam preocupados com a formação de verdadeiros líderes, fosse o rei filósofo, fosse o filósofo do futuro. Das oito, que nos detenhamos numa delas: a solidão. Esta porque, talvez, de algum modo amalgame todas as demais.

Solidão e Reflexão

Solidão (do latim *solitudine*) é a virtude que mais desapareceu de nossos tempos atuais. Mais: por uma série de motivos, e até de interesses, ela passou a ser associada a algo ruim, discriminável, mesmo patológico. O dicionário a entende como estado do que se encontra ou vive só, isolamento, e também, situação ou sensação de quem vive isolado numa comunidade. Chame-se atenção para que o dicionário descreveu um estado e não emitiu qualquer juízo de bom ou mau a respeito. Mas o ser humano atual, em sua ânsia fremente e contínua de se referir pelos outros, de se espelhar nos outros, e por ter medo de si, passou a equivaler solidão a castigo. É fácil notar que a sociedade de consumo e seus líderes e títeres fomentam a não solidão, isto porque a vida sempre em conjunto, em turma (independentemente da tendência humana ao gregário), anima, excita e faz buscar o consumo (do necessário e da miríade de supérfluos que há), na medida em que não deixa tempo e espaço para a busca da reflexão crítica. E esse mecanismo vai-se tornando de tal modo preponderante e poderoso, como bem quer a megamáquina, que nem ao voltar para casa, na brevíssima parte do dia em que fica só, o indivíduo sabe mais experimentar tal situação, tendo perdido por completo a percepção desse prazer, e, ao entrar, imediatamente liga aparelho de som, secretária eletrônica... em resumo: fuge de si, de seu pensar. E a cruenta ironia, da qual atualmente poucos se dão conta, é que a pessoa que assim age está construindo os sólidos alicerces para uma solidão esta sim doentia, porque é a solidão decorrente do divórcio consigo, da separação entre o eu afazer e o eu

profundo, o eu agenda e o eu essência (restando este cada vez mais remoto, desconhecido, estranho – e, primeira reação do humano: o estranho sempre causa medo!). O eu práxis, eu mundano que todos nós também temos que ter, porque faz parte do dia a dia, vive em nosso eu maior, mas não pode se igualar a nós no todo, não se confunde conosco. No nosso entender, solidão, em hipótese alguma, é ser só ou estar só. Não ter vida interior é que é solidão, e é exatamente isso o que a maioria das pessoas está fazendo consigo ao não ficar só: está covardemente matando sua vida interior.

Se é tão dificultoso, por que a insistência em buscar o autoconhecimento? Quando não por outras questões, pela própria estratégia da formação de um líder, posto que sem autodomínio, o domínio de si, ninguém poderá exercer uma liderança, e só se pode atingir a condição de autodomínio pelo pleno (maior possível) autoconhecimento. A busca honesta e competente de autoconhecimento deverá levar a pessoa a conhecer-se, o que é atingir sabedoria, e a sabedoria leva, de volta, ao autoconhecimento, o processo sendo mutuamente retroalimentador e propulsor.

Percepção do entorno

Ninguém que tenha inteligência age contra o melhor ou, se por acaso o faz, é por ignorância. Quem tem conhecimento real de si, e, portanto de seu entorno, age na melhor direção e na direção do que é melhor para si e para seu grupo, age na direção do certo (atitude obrigatória para o líder), cria empatias. Quem tem conhecimento do melhor e quer o melhor sabe amar. E no amor ao próximo (equipe), no amor à causa (projeto), existe um interesse oculto, uma segunda intenção sadia: é que o “estado de amor” é uma condição pessoal de alta energia e, por isso, excelente fonte para realimentação permanente do espírito e para resistência a deformações. Poderíamos mesmo afirmar que, nas relações humanas, tudo que é feito desprovido de amor é imoral, porque pode se tornar relação de uso, apenas. Como imoral se tornou nas sociedades ocidentalizadas a mercantilização e a coisificação do humano.

Na matéria do humano, o grande impacto estabelecido pela revolução industrial, impacto que perdura até nossos dias, é que, consoante o provado por Max Scheler³, o aprimoramento tecnológico, que permitiu o avanço na capacidade de produção, terminou por equivaler, ou mesmo igualar, o ser humano a dinheiro. A grande equação da revolução industrial foi: homem = produção = dinheiro. Portanto, o homem fica igualado ao dinheiro. Fica mercantilizado, sem amor, fica coisificado. Tanto pode ser trocado por um rolls-royce quanto por uma banana, dependendo do homem. A verdadeira liderança, em si e para atingir seus resultados, só pode ser um ato de amor. A liderança de fato deriva de uma causa, que se sustenta numa visão que só se realiza num ato de amor – e não existe técnica para que se ensine amor!

AZEVEDO, Fausto Antonio de. Liderança Ambiental – O Novo Desafio (Competência) para o Líder empresarial. **RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v. 5, n. 3, p. 95-113, Out. 2012.

Para investir ainda mais nessa reflexão, sugerimos a obra de Martin Buber⁴, pois somos levados a pensar que o verdadeiro líder só será aquele que em relação a todos os que o cercam houver desenvolvido o diálogo “eu-tu eterno”, e um tal líder é aquele que jamais se separa dos seus ou da causa.

Contestarão: “mas a formação do ser é função dos pais, da sociedade e do Estado”. Tudo isso, no entanto, tem falhado escandalosamente e, justamente por tal motivo, proliferem talvez tantos cursicos e livrecos de autoajuda e de liderança. Toda vez que a verdadeira educação, a ontológica, aquela da gênese do ser, não se dá, surgem as muitas educações especializadas para isso e para aquilo. Mas de fato, se o assunto é educação, desde longa data não somos treinados, não somos educados, no sentido do fazer-se ser, do autoconhecimento. Não temos nem o hábito nem a técnica finalizada para isso. Ademais, nesses nossos tempos, não da globalização, mas de sua mutação mais perniciosa, tempos da homogeneização, buscar a essência de si e a essência de ser implica, comprovadamente, em desgarrar do ‘rebanho’, em marchar contra o passo, e acaba se tornando tarefa de herói, quase de super-homem. E para terminar a crítica ao processo educacional, registre-se que nosso sistema universitário há décadas vem-se especializando com afinco em formar bons profissionais empregados – ‘ter um bom emprego é tudo que se almeja’ – e, não, formar empresários.

Mando

Para mostrar que não há mar de rosas, vamos admitir que algum candidato talentoso e abnegado tenha suplantado a barreira do autoconhecimento e todas as demais dessa corrida de obstáculos e haja, finalmente, atingido o status de líder de um acontecimento. Só então é que ele se verá frente a frente com o maior de todos os desafios: o de mandar. Sim, porque por mais que técnicas de relacionamento queiram dissimular (e há grande risco nisso, por exemplo, a virulência do fingimento), o líder terá que mandar, inclusive, e eis a maior de todas as dificuldades: mandar em si. Nietzsche faz o seguinte interessantíssimo comentário⁵:

“Mandar é mais difícil do que obedecer; e não apenas porque aquele que manda suporta o peso de todos os que obedecem, e essa carga facilmente o derruba. Mandar parece-me um perigo e um risco. E quando manda, o vivo sempre se arrisca. E quando manda a si próprio também tem de expiar a sua autoridade, tem de ser juiz, vingador e vítima das suas próprias leis.”

AZEVEDO, Fausto Antonio de. Liderança Ambiental – O Novo Desafio (Competência) para o Líder empresarial. **RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v. 5, n. 3, p. 95-113, Out. 2012.

Vontade

A linha de raciocínio é pois: mando -+ vontade -+ comando. Para comandar uma tarefa, seja ela solitária ou compartilhada com outros, o primeiro passo, fator limitante do processo, é a vontade. O que é vontade? Por trás dessa simpática palavra se oculta um complexo mundo de sensações, suposições, desejos, expectativas, afetos e gratificações. Um indivíduo pode, num dado momento de sua vida, arregimentar em si todos os pré-requisitos para liderar um desafio, sobretudo, como foi dito antes, pode mesmo ter obtido um excelente nível de conhecimento próprio, porém se ele não tiver a vontade para tanto, mais ainda, conhecimento e consciência dessa sua vontade⁶, de suas artimanhas, do que ela disfarça de prazer pela realização e pelo comando, ele não será um líder, mas um ditador de ordens de comando. É absolutamente necessário que o caminho do autoconhecimento tenha conferido ao sujeito uma noção tão honesta e tão exata de si quanto possível, de suas forças, de suas fraquezas, de seus propósitos, de sua capacidade de diligência, do grau de sua independência nas decisões e encaminhamentos, para que a partir disso ele avalie a força de sua vontade e o quanto dessa poupança há depositado no banco da ação, porque saques acontecerão, e muitos.

imaginação

Mas talvez só vontade não seja suficiente. Se lermos a obra de Émile Coué⁷ descobriremos que o que nos impulsiona adiante, para o bem ou para o mal, é a autossugestão consciente, que vem do poder da imaginação. Imaginação, outro grande aliado que poderemos ter. Uma forte capacidade de imaginação se confunde com a visão, indispensável ao exercício de liderança.

independência com interdependência

Autoconhecimento e vontade e consciência da vontade e imaginação. Está pronto o arsenal? Ainda não. Infeliz ou felizmente outro item a lapidar precisa estar em cena e ser discutido: a independência. Independência é essencial à liderança. Só pode ter independência, o máximo possível, quem de fato se autoconhece e domina e lidera, também ao máximo, a fisiologia de suas vontades. Permitindo-nos a redundância, independência é não depender: não depender materialmente, não depender emocionalmente, não depender psicologicamente, não depender historicamente, não depender intelectualmente, não depender politicamente, tudo isso na medida dos limites de suas possibilidades. E, mais importante, a sutil armadilha sempre à espreita: não depender de si, isto é, de seus fantasmas (sobretudo os do passado, da infância e adolescência), de seus demônios, das vozes do inferno próprio que querem auferir alguma forma de vantagem ou benefício egoísta daquilo que se está a fazer. É muito comum percebermos na ação de líderes (pseudolíderes) interesses velados, escusos. Ora, o que se passa é que se o líder ao liderar

AZEVEDO, Fausto Antonio de. Liderança Ambiental – O Novo Desafio (Competência) para o Líder empresarial. **RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v. 5, n. 3, p. 95-113, Out. 2012.

tem de fato algum outro intento em mente que não a consecução do próprio mister da liderança, se, secretamente, vislumbra um ganho pessoal, só dele (ou ainda que para um grupo seu), além de estar traindo o processo, maculando-o de falsidade, ele estará realmente construindo uma não-liderança na proporção em que a verdadeira liderança só existe em estado de franca independência do espírito do líder. A liderança real não se subordina a interesses que não o resultado antevisto para aquele processo e pactuado entre todos. Convém registrar o grau de dificuldade intrínseco a ser independente. Dificuldade e riscos. Independência é atributo de poucos. Por fim, a independência em grau maior faz com que se perceba e se assuma a interdependência, pressuposto básico para uma vida fraterna e mais produtiva.

Processo

O autoconhecimento é, em si, também um processo. Ninguém deve se iludir imaginando que após estudar o assunto, arquitetar a técnica que lhe seja mais condizente e aplicá-la, culminará por atingir uma verdadeira percepção tomografada de si. Isso não existe. Então, com razão poderão nos interpelar: e para que tanta conversa se é assim? Pois aí está: autoconhecer-se deve ser tomado como meta permanente, algo que tem começo e não tem fim, mas que a cada ciclo completado nos catapulta a um patamar mais alto e melhor da incrível capacidade de percepção de si. Lancemos mesmo à discussão a referência das permanentes transformações da vida, da fluidez dos fatos, das contínuas alterações dos marcos e das perspectivas, tanto ao modo heraclitiano quanto ao aprofundamento nietzschiano, para que possamos postular que tão rápido quanto nos conhecemos mediante um exercício sério de autoconhecimento já precisamos nos investigar novamente, posto que o próprio fato de atingir um nível mais elevado de autoconhecimento já nos modificou. Por isso, não cremos que haja a cilada de tornarmo-nos desinteressantes para nós por melhor nos conhecermos. Sublinhe-se que o processo de autoconhecimento não fornece um produto acabado, pronto (há mesmo autores de peso que desacreditam da possibilidade de haver um autoconhecimento). Ele, tão somente pode melhorar o conhecimento que de nós temos (nos aspectos qualitativo e quantitativo) e precisa estar sendo constantemente refeito, avaliado e validado.

Cuidado

Cumprir notar que o processo de autoconhecimento, a busca do conhecimento do próprio, do eu, do interno, poderá trazer em si temperos especiais. Por exemplo, o despertar ou o salientar do cuidado, do zelo por si. Quando e quanto melhor me focalizo, aí necessariamente incluindo o inventário dos pontos fracos e reais carências, mais posso, talvez, adotar mediadas

cuidadosas para proteção adequada, superação e crescimento interior. O cuidado é um atributo, uma faculdade bastante importante. É curiosíssimo constatar que tal palavra deriva do latim *cogitatu*, com o significado de pensado, pensamento, reflexão. Para nós, em seu conteúdo semântico atual sobressaem, dentre outros, os de: atenção, precaução, cautela, desvelo, zelo, inquietação de espírito. Assim, cuidar de si seria pensar em si com competência suficiente para saber ter precaução por si e acautelar-se. Cuidar de si seria inquietar o próprio espírito na busca do eu mais verdadeiro. Nosso ser será sempre nosso maior patrimônio, nunca rivalizado por qualquer tipo de riqueza ou poder. Conhecer e cuidar desse patrimônio implica em: i) manter elevada a autoestima positiva, ii) melhor perceber aos outros e não ter vergonha de evidenciar cuidados, no cabível, por eles também, iii) por extensão, cuidar do que é externo ao ser, destacadamente da natureza, mãe e fonte da própria vida que me disponho a cuidar.

Compreensão Interativa

Devemos ainda registrar um forte benefício colateral para quem persegue o autoconhecimento: a prática de se conhecer, por meio da técnica mais ajustada e da disciplina para tanto, fatalmente ajudará muito a pessoa a compreender o mundo que a cerca, a melhor compreendê-lo. Ocorrem-nos os ensinamentos de Paul Ricoeur⁸, que, falando a respeito da hermenêutica, nos diz que compreender um texto é encadear um novo discurso no discurso do texto (vamos supor que o texto seja nosso próprio eu, nosso livro interior, o registro do que temos sido e temos feito). Isto supõe que o texto seja aberto. Ler é apropriar-se do sentido do texto. Dum lado não há reflexão sem meditação sobre os signos; doutro lado, não há explicação sem a compreensão do mundo e de si mesmo.

2 O pensamento ambiental como alimento para a liderança

Resumimos até aqui um percurso clássico dos fatores considerados pré-requisitos para o exercício da verdadeira liderança. Autoconhecimento, virtude da solidão, solidão e reflexão, percepção do entorno, mando, vontade moral, imaginação, independência com interdependência, noção de processo, capacidade de cuidado, compreensão interativa.

Ética e prática ambiental

Contudo, todos esses atributos em soma e sinergia, se foram suficientes algum dia para estofar o verdadeiro líder, hoje não são mais, em definitivo. Um novo atributo, vigoroso e essencial, vem se juntar àquele elenco: o da ética e da prática ambiental⁹. Essa qualidade tão necessária agora e

AZEVEDO, Fausto Antonio de. Liderança Ambiental – O Novo Desafio (Competência) para o Líder empresarial. *RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade*, v. 5, n. 3, p. 95-113, Out. 2012.

inexistente antes dos anos 1960, torna-se agudamente obrigatória, tanto para o líder empresarial, quanto o político e também para o líder comunitário e o religioso. Nesses tempos de Supercapitalismo, o grande desafio que enfrentamos todos é fazer do líder empresarial um ser humano sensível e receptivo aos temas ambientais e aos sociais.

O que estamos preconizando, mais do que nunca, é que no espírito do líder empresarial de hoje se amalgamem os conteúdos do eco da economia com o eco da ecologia. A palavra oikos, do grego antigo, de onde deriva o termo eco, estava para eles relacionada ao comando de um chefe (líder) guerreiro. Este liderava a família e um grande conjunto de agregados (não muito diferente do que se via, em séculos passados, na formação do Brasil, conforme tão bem demonstrado por Darcy Ribeiro em *O Povo Brasileiro*). Segundo Maurício Waldman¹⁰: “Um segundo detalhamento é que oikos, dizendo respeito à produção e ao consumo, implicaria a impossibilidade de separarmos o conceito de ecologia do conceito de economia”.

De fato: ecologia vem de oikos + logos, vale dizer, o estudo da casa, enquanto economia vem de oikos + nomos, ou seja, ordem, organização da casa. Isso nos mostra, claramente, que a preocupação econômica não pode existir de forma desvinculada da preocupação ecológica. O líder empresarial que está voltado a gerar resultados econômicos para seus clientes e acionistas, não pode, todavia, um só segundo esquecer-se que tanto cliente (consumidor) quanto acionista (investidor) também têm, mesmo que não explicitamente, total interesse na manutenção de sua oikos, posto que sem ele não poderá haver qualquer forma de ganho (lucro) real. Não há economia fora na existência física do planeta e de sua lógica de ciclos e formas de vida. Destarte, imprescindível afirmar que agora a primeira tarefa da liderança é garantir a qualidade (sustentabilidade) ambiental. O verdadeiro líder é aquele que entende a fisiologia ambiental em seus aspectos capitais e incorpora essa percepção de maneira inexpugnável às demais dimensões da liderança. Para sua formação, dentre outros livros, deve fazer parte obrigatória de sua biblioteca a obra do norte-americano Lester Brown, pioneiro dessa ecoeconomia, que esteve em São Paulo recentemente para lançar seu novo livro: *Plano B 4.0: Mobilização para Salvar a Civilização*, no qual nos conclama a assumir esse “esforço de guerra” por meio de atitudes individuais e coletivas, públicas e privadas¹¹. Mobilização para uma aliança, poderíamos cogitar. Uma aliança ambiental, para salvar o planeta. O que é tão novo quanto a Bíblia, afinal é no Gênesis que iremos encontrar a informação: “Disse também Deus a Noé e a seus filhos: Eis que estabeleço a minha aliança convosco e com a vossa descendência, e com todos os seres vivos que estão convosco... todos os animais da terra... aliança entre mim e a terra.” (Gn 9:9, 10, 13).

Associando as idéias de liderança e de aliança, diríamos, ainda, que liderar nada mais é do que estabelecer alianças.

AZEVEDO, Fausto Antonio de. Liderança Ambiental – O Novo Desafio (Competência) para o Líder empresarial. *RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade*, v. 5, n. 3, p. 95-113, Out. 2012.

Embora hoje a grande empresa não seja mais a empresa estadista, como o foram as corporações norte-americanas nos anos 1930 a 1960, e estejam premidas entre o cidadão investidor (esperando por mais lucro) e o cidadão consumidor (esperando por menores preços), muito comumente o mesmo cidadão, como bem demonstrado por Robert Reich¹², ainda assim é imprescindível que suas lideranças estejam bem sintonizadas com os grandes problemas ambientais do planeta e as ameaças reais que enfrentamos agora como espécie. É preciso que suas lideranças anotem em vermelho em suas agendas a busca permanente da governança ambiental¹³.

A formação de uma consciência ambiental pelas comunidades, conquista que não tem deixado de acontecer desde, principalmente, Estocolmo-1972¹⁴, vem gerando resultados curiosos: de um lado a pressão sobre governos e políticos, diretamente feita por ONGs, por eleitores, pela imprensa (um pouco que ‘de carona’) e de outro lado a pressão sobre as empresas e seus líderes. Isso pode ser bom, desde que, todavia, não se queira transferir para o líder empresarial funções que devem permanecer como de governo. Isto é, a pressão sobre líderes empresariais não pode deslocar o foco ou obscurecer a importância inigualável da construção dos permanentes e sempre atualizados marcos regulatórios, adaptados à economia do futuro (a que vem da não poluição, do não carbono, da inovação tecnológica consequente), função que compete à classe política. Fica particularmente delicado esse indevido mecanismo de transferência no caso de sistemas de governo de fraca ou indisciplinada democracia. Não pode haver, de fato, responsabilidade socioambiental de empresas em processos democráticos trôpegos ou confusos ou corruptos ou tudo isso. Quando se cobra um comportamento ambiental ético, eficaz e eficiente mais dos líderes empresariais do que dos governos pode-se estar fazendo exatamente o jogo de corporações descompromissadas que sabem, no entanto, que enquanto for esse o foco – e aí estiver a emoção – não saem legislações que possam afetar seus lucros incalculáveis. Muito bem diz o já citado Roberto Reich:

[...] No entanto, não se dispõe de meios para determinar as obrigações sociais do setor privado, a não ser o processo democrático. Aumentar o senso de ‘responsabilidade social’ das empresas é objetivo valioso, mas o melhor meio de realizá-lo é tornar a democracia mais eficaz.¹⁵

O líder empresarial, com formação ambiental correta, saberá se conduzir no meio desse emaranhado de interesses e contradições.

AZEVEDO, Fausto Antonio de. Liderança Ambiental – O Novo Desafio (Competência) para o Líder empresarial. **RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v. 5, n. 3, p. 95-113, Out. 2012.

Para discutir um pouco o tema da ética ambiental, falemos antes de ética, analisando um fato curioso. O Ano Internacional do Planeta Terra (AIPT)

¹⁶, comemorado a partir de janeiro de 2007, com término em dezembro de 2009, mas ênfase em 2008, teve sua proclamação declarada na Assembléia Geral das Organizações das Nações Unidas, em dezembro de 2005. Proposta apoiada por 191 países, o AIPT tem como objetivos: (1) Demonstrar o grande potencial das Ciências da Terra na construção de uma sociedade mais segura, saudável, solidária e sustentada; (2) Encorajar a sociedade a doravante aplicar este potencial mais eficientemente, em seu próprio benefício. A liderança mundial das atividades é responsabilidade maior da União Internacional das Ciências Geológicas (IUGS - International Union of Geological Science) e da Divisão de Ciências da Terra da UNESCO, além de 12 importantes Organizações Parceiras Fundadoras e 26 Parceiros Associados. O Brasil criou um Comitê Nacional para cuidar do assunto¹⁷. Quem se lembra disso? Provavelmente poucos, mesmo dentre os profissionais do setor.

Eis exatamente onde cabe profunda indagação a respeito de ética. Em sua origem, ética diz respeito ao distanciamento que há entre o que se propugna e o que se pratica. Assim, não há ética onde existe distância entre esses dois termos. Traduzindo, não basta pensar, há que se executar. Não basta querer, há que se acreditar e agir. Caso contrário, todas as vontades e querereres e supostos valores nunca passarão de retórica, ou, pior ainda, pirotecnia. Como desde há muito também se sabe que a verdade e o que é certo acabaram se aproximando e se confundindo com o que é bom, então sendo certo haver íntima proximidade entre o que é pensado e dito e o que é feito, o ético passa a ser bom. E o que é bom, é de se supor, acontece para o bem.

Dessa forma a ética ambiental está em pensar e fazer o correto para a natureza.

Propugnamos pelos mesmos ditames alinhados na ética ambiental profunda do filósofo norueguês, criador da ecosofia, Arne Næss e seguidores, mas queremos insistir com o pensamento de outro filósofo, que foi um importante teórico da ética e da ecologia, Hans Jonas¹⁸, e que formulou um novo e elevado princípio de moralidade: “Aja de tal modo que os efeitos de sua ação sejam compatíveis com a permanência de uma vida humana genuína.”

Disse Hans Jonas: “Os fins do homem moram na natureza.”

Outro importante filósofo da atualidade, o francês Luc Ferry [19], entende da seguinte maneira esse pensamento de Jonas:

[...] os objetivos que os seres humanos deveriam assumir no plano ético se inscrevem, como pensavam os estóicos, na ordem mesma do mundo, de modo que o

‘dever-ser’ – ou seja o que moralmente é preciso fazer – não está separado do ser, da natureza tal como ela é.²⁰

Tudo o que eu devo fazer não se separa da natureza se a natureza está em mim; se eu sou parte da natureza, o que faço contra ela faço contra mim; o que faço para ela, faço para mim; o que de bom faço para mim, faço para ela também. Ocorre que como o homem sempre se refere a si próprio como algo no tempo e no espaço e, em escala, ele sempre se percebe pequeno diante da eternidade do tempo e da imensidão do universo – até mesmo do planeta Terra –, e as repercussões negativas de suas ações de destruição surgindo distantes ou no espaço ou no tempo, isto como que o anestesia, serve como cortina enganosa, que não lhe permite ver com clareza o dolo de seus atos.

É preciso que se traga para a consciência presente todas as transformações negativas ocorridas em nosso hábitat em consequência de nossas ações. É preciso que passemos a avaliar melhor os impactos de nossas ações. É preciso que retiremos de nosso arsenal de desejos tudo aquilo que é supérfluo e desnecessário ao ser. É preciso que tenhamos a coragem de inaugurar um novo modelo educacional, não voltado a atender a lógica produtivista-consumista do capitalismo. Aliás, longe de estar fazendo um discurso de esquerda, pelo contrário, é preciso que lembremos que o capitalismo não é o único sistema de vida possível para nossa sociedade humana. É preciso lembrar que nada mudará na ordem do Cosmo se amanhã deixarmos, todos nós, de tomar um certo refrigerante ou de usar aquele determinado produto.

A ética ambiental impõe que não queiramos utilizar inutilmente recursos do meio ambiente. Isto retroage a que reexaminemos aquilo que consumimos, no quê e no quanto. A ética ambiental impõe que conheçamos (cognição racional e emocional) mais a natureza. Sem querer evitar os reais benefícios das conquistas e dos avanços humanos, a ética ambiental reclama que sejamos mais cuidadosos e examinemos a fundo o que nos traz e o que não nos traz ganhos, aquilo que é só questão de fútil comodidade ou de modismo afirmador de psicologias individuais pouco seguras. Sobretudo, a ética ambiental não admite um faz-de-conta ético, como aquele da ecologia rasa e que, entre nós, tem-se tornado mais e mais rasa ainda. Por fim, a ética ambiental não se contentaria apenas em preservar a vida do planeta e a vida humana, não, como muito bem disse Hans Jonas, devemos conservar, manter, preservar a vida sim, mas a vida humana genuína!

Em 9 de março de 2008, o Vaticano tornou pública sua posição quanto à ética referente a vários pontos polêmicos da atualidade. A Igreja Católica entendeu que²¹:

AZEVEDO, Fausto Antonio de. Liderança Ambiental – O Novo Desafio (Competência) para o Líder empresarial. **RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v. 5, n. 3, p. 95-113, Out. 2012.

A manipulação genética, o uso de drogas, a desigualdade social e a poluição ambiental estão entre os novos pecados capitais pelos quais os cristãos devem pedir perdão, segundo a nova lista apresentada pela Santa Sé.

O Vaticano atualizou a lista de pecados capitais para adaptá-la à "realidade da globalização".

Os novos pecados capitais – merecedores de condenação segundo a Igreja Católica – serão agregados aos anteriores: gula, luxúria, avareza, ira, soberba, vaidade e preguiça.

Publicada no domingo no jornal do Vaticano, Osservatore Romano, a lista foi divulgada depois que o Papa Bento 16 denunciou a "queda do sentimento de pecado no mundo secularizado", em meio à redução no número de católicos que praticam a confissão.

Monsenhor Gianfranco Girotti, responsável pelo tribunal da Cúria Romana, disse ao Osservatore Romano que, diferentemente dos anteriores, os novos pecados vão além dos direitos individuais e têm dimensão social.

Há várias áreas relacionadas aos direitos individuais e sociais dentro das quais incorrer em atitudes pecaminosas. Antes de mais nada, a área bioética, dentro da qual não podemos deixar de denunciar algumas violações de direitos fundamentais da natureza humana, através de experiências e manipulações genéticas, cujos êxitos são difíceis de prever e manter sob controle.

De acordo com o Monsenhor, a injustiça social e os crimes ambientais encontram-se também na listagem das novas ofensas pelas quais os fiéis devem pedir perdão e se penitenciar.

Independentemente do efetivo e rápido resultado para a qualidade do meio ambiente mundial dessa decisão da Santa Sé, é inegável que, do ponto de vista ético e moral, tal fato representa um grande ganho e um avanço, na medida em que todos os cidadãos do planeta, seja qual for sua crença religiosa, são compelidos a refletir acerca das suas atitudes individuais que podem repercutir de forma muito negativa para o todo social, desde que em desacordo com as normas e orientações de uma educação ambiental consciente e cívica.

Uma educação ambiental desde o mais tenro berço e continuamente, eis do que necessitamos. Uma educação ambiental que desenvolva, fixe e incorpore valores de forma inelutável. Educação que alinhe princípios à estética, vontade ao poder, sabedoria à prática, senso crítico e racionalidade à paz. É preciso que saibamos, todos, que viver é uma questão muito mais de simples e pura sabedoria do que de consumo, de ostentação, enfim, de ciência. A própria ciência e seu método, seja qual for, devem estar sujeitos, no sentido de subordinados, à sabedoria. A propósito, o grande filósofo inglês Bertrand Russell muito competentemente faz a distinção entre sabedoria (*wisdom*, em sua língua) e conhecimento (*knowledge*). Consoante, nos diz Alberto Oliva:

À sabedoria incumbe determinar o uso que se vai dar ao conhecimento. Por exemplo, este produz a bomba atômica, aquela define que (des)uso será feito dela. Além do mais, caso se arvorasse a estatuir como se deve viver, a ciência assumiria uma função normativa que a aproximaria da filosofia e da religião e a afastaria de seus propósitos.²²

A prática ambiental que todos e cada um de nós devem adotar (dever, segundo todos os dicionários de Língua Portuguesa, tem em primeiro sentido o de ter obrigação de) é a de agir, conduzir-se e fazer com que ajam e se conduzam segundo a ética ambiental.

Nesse sentido, existem algumas (boas) iniciativas de educação e conclamação, embora sejam ainda muito pífios todos os resultados obtidos. Várias entidades divulgam recomendações daquilo que hoje se considera uma atitude ecologicamente saudável e correta. Contudo, um exame crítico dessas sugestões revela que quase todas se prendem, também, a um modo raso de ver o cuidado ambiental, ou seja, são, na maioria, consertos para o que já se estragou ou se está estragando. Não podemos permitir que venha a acontecer aquilo contra o que adverte a cientista política Lorraine Elliott: “O século XXI pode transfigurar-se numa espécie de ponto de não retorno ambiental e, portanto, devemos neste momento encetar opções corretas.”²³

Opções corretas... A prática ambiental, decorrente da ética ambiental que defendemos, incorpora o culto à estética ambiental, à beleza do fenômeno da vida, que existe por si e em si, desde muito antes da ocorrência do humano, embora só por ele possa ser percebida e exaltada. O humano tem absoluta necessidade do belo, sem o qual as percepções se entorpecem e brutalizam. Brutalizar o humano e suas atitudes advém justamente do não conhecimento do que é belo, belo por ser bom e moral. O belo é bom. O bom é belo. Belo e bom são as bases do moral e do ético. A beleza, se expurgada de nossas ações e observações, se impedida em nossa prática, leva-nos a uma forma simultânea de intoxicação aguda e crônica: o quadro agudo denotado pela violência e o desrespeito ao outro, ao coletivo e ao ambiente natural; o

AZEVEDO, Fausto Antonio de. Liderança Ambiental – O Novo Desafio (Competência) para o Líder empresarial. *RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade*, v. 5, n. 3, p. 95-113, Out. 2012.

quadro crônico caracterizado pela depressão e o alheamento de si. Quem não percebe o belo em tudo que há, que estava antes dele e dele nem precisou para ser, não está pronto para viver: está, isso sim, pronto para consumir, tal ato significando a busca compulsiva e extenuante, ainda que inconsciente, por um pouco ou algum aspecto de/do ser. A beleza da natureza é simples e não demanda explicações. Intuir e sentir tal beleza é um ato maior da intelectualidade que carregamos como potencial. Não é um ato religioso, embora o sentimento de uma religiosidade ao natural possa ser, ele próprio, natural e útil. Só os seres que despertam sua sensibilidade, como instrumento de conexão com a vida e os fluxos de vida, os que treinam seus olhares, os que elevam seu discurso desmaterializando-o, estão próximos ou prontos para a compreensão dessa estética ambiental, verdadeiro propósito lúdico de bem-estar para esse breve experimento que a Natureza nos proporciona/proporcionou como seus escolhidos e eleitos. Se é verdade que é preciso educar, acrescentamos que é preciso educar pela arte e pela estética ambiental, patrimônio maior – e grátis – aqui deixado para nosso conforto e deleite!

Referências

[1] SOUZA NETO, M. J.; AZEVEDO, F. A. A personalidade daquele que exercerá o papel de líder. *TECBAHIA R. Baiana Tecnol.*, Camaçari, v. 21, n. 2-3, p. 5-27, 2006.

[2] [IBGE] INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Dados estratificados da população brasileira, Censo 2000. Disponível em:
<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/populacao/pop_Cens o2000.pdf>.

[3] Max Scheler nasceu em 22 de agosto de 1874, em Munique, e faleceu em 19 de maio de 1928, em Frankfurt am Main. Tornou-se conhecido por seus trabalhos em fenomenologia, ética e antropologia filosófica. Desenvolveu o método filosófico do fundador da fenomenologia Edmund Husserl e foi chamado por Jose Ortega y Gasset “o primeiro homem do paraíso filosófico”. Em 1954, Karol Wojtyla, mais tarde o papa João Paulo II, defendeu a tese de doutorado Uma avaliação da possibilidade de construir uma Ética Cristã com base no sistema de Max Scheler. O centro do pensamento de Scheler é sua Teoria do Valor, segundo a qual o “valor-ser” de um objeto é anterior à percepção. A realidade axiológica dos valores é anterior ao conhecimento. Valores e seus correspondentes ‘desvalores’ existem em um ordenamento objetivo de categorias. Outras de suas importantes idéias foram: categorização de valores, intuição emocional, valores baseados em ética, ressentimento. De sua vasta obra pode-se destacar: *On the Eternal in Man*; *Man's Place in Nature (A posição do Homem no Cosmos)*; *Ressentiment*; *Formalism in Ethics and Non-Formal Ethics of Values: a New Attempt toward*

the Foundation of an Ethical Personalism (publicação alemã original 1913-16); Person and Self-value: Three Essays; On Feeling, Knowing, and Valuing. Selected Writings.

[4] Martin Buber nasceu em Viena, a 8 de fevereiro de 1878, e faleceu em Jerusalém, a 13 de junho de 1965. Sua formação universitária foi em Viena. Tinha educação poliglota: em casa aprendeu ídiche e alemão; na escola, hebraico, francês e polonês. Buber era filósofo, escritor e pedagogo, de inspiração sionista. Vale citar: BARTHOLO JÚNIOR, Roberto. Você e eu: Martin Buber, presença palavra. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2001. 120 p. (Coleção idéias sustentáveis). ISBN 85-86435-51-1.

[5] Friedrich Nietzsche. Assim Falou Zaratustra, um livro para todos e para ninguém. Parte II. A vitória sobre si mesmo.

[6] Pensamos em vontade no sentido Kantiano, com conteúdo moral na ação. Ver SILVA, André Luiz Olivier da. De Hume a Kant: as determinações da vontade e a ação livre. Intuitio, v. 2, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/view/5937>>.

[7] Émile Coué, farmacêutico e psicoterapeuta, nasceu em Troyes, França, em 26 de fevereiro de 1857. Tornou-se célebre por desenvolver um método de terapia baseado na auto-sugestão. A respeito consultar: COUÉ, Émile. O domínio de si mesmo pela auto-sugestão consciente. São Paulo: Martin Claret, 2003. 144 p. (Coleção a obra-prima de cada Autor, 113).

[8] Paul Ricoeur nasceu em Valence, França, em 27 de fevereiro de 1913, e morreu em Chatenay Malabry, próximo a Paris, em 20 de maio de 2005. Foi um dos grandes nomes do pensamento francês no pós-Segunda Guerra e se tornou conhecido por combinar a descrição fenomenológica e a interpretação hermenêutica. Por isso ele se liga a dois outros grandes fenomenologistas hermenêuticos: Martin Heidegger e Hans-Gerog Gadamer. Na Universidade de Yale, EUA, Ricoeur produziu uma importante obra de filosofia política. Ele também pesquisou linguística, psicanálise, estruturalismo e hermenêutica, com um interesse particular pelos textos do cristianismo. Cristão e antitotalitarista, notabilizou-se pela oposição à guerra da Argélia (1954-1962) e à da Bósnia, em 1992. Entre as suas obras contam-se Histoire et Verité (1955), Soi-même comme un Autre (1990), La Memoire, l'Histoire, l'Oubli (2000) e L'Hermenêutique Biblique (2001). Página oficial na Internet: <<http://ricoeur.iaf.ac.at>>.

[9] AZEVEDO, Fausto Antonio de; VALENÇA, Mariluce Zepter. Por uma ética e uma estética ambientais. Risco ambiental e sociedade. Revinter Revista Intertox de Toxicologia, São Paulo, v. 2, n. 1, fev. 2009. Disponível em: <http://www.intertox.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=190&Itemid=147&lang=br>.

- [10] WALDMAN, Maurício. Meio ambiente e Antropologia. São Paulo: Senac, 2006. p. 222.
- [11] O lançamento ocorreu em outubro de 2009, no Museu de Arte de São Paulo, na cidade de São Paulo, conforme relato pessoal de Eduardo Athayde, Diretor no Brasil do WWI - Worldwatch Institute.
- [12] REICH, Robert B. Supercapitalismo: como o capitalismo tem transformado os negócios, a democracia e o cotidiano. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008. 266 p.
- [13] A esse respeito sugere-se consultar: BARROS-PLATIAU, Ana Flávia; VARELLA, Marcelo Dias; SCHLEICHER, Rafael T. Meio ambiente e relações internacionais: perspectivas teóricas, respostas institucionais e novas dimensões de debate. Rev. bras. polít. int., Brasília, v. 47, n. 2, July/Dec. 2004. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-73292004000200004&script=sci_artext>.
- [14] Consultar
<www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/arquivos/estocolmo.doc>. [15] REICH, Robert B. Supercapitalismo: como o capitalismo tem transformado os negócios, a democracia e o cotidiano. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008. 266 p. [16] Consultar
<<http://www.unb.br/ig/sigep/destaques/AIPT.pdf>>.
- [17] Consultar
<<http://agenciact.mct.gov.br/index.php/content/view/42407.html>>.
- [18] Hans Jonas nasceu em 10 de maio de 1903, em Mönchengladbach, Alemanha, e faleceu em 5 de fevereiro de 1993, em New Rochelle, New York. Estudou com Husserl, Heidegger e Bultmann e teve como companheiros de estudo Hannah Arendt e Günther Anders. Graduou-se em Marburg e obteve a livre docência em 1928. Estudou o gnosticismo, tornando-se um dos especialistas mundiais. É uma referência no campo das éticas deontológicas, com repercussão na bioética, tecnoética e ética ecológica. Em 1933, com o advento do nacional-socialismo, emigrou para a Palestina e depois para a Itália, onde, como soldado da brigada judaica, ajudou a combater o fascismo. Em 1949, transferiu-se para o Canadá e, em seguida, para os Estados Unidos, onde passou a viver e lecionar. Tornou-se conhecido, primeiramente, por sua obra histórico- filosófica sobre a Gnose e, mais tarde, por seus trabalhos sobre a filosofia da biologia. Desde o final dos anos 1960, Hans Jonas voltou sua atenção para as questões éticas suscitadas pelo progresso da tecnologia. Sua obra maior, *The Imperative of Responsibility* (publicada em 1979, em alemão, e

em 1984, em inglês), que teve importância capital para o movimento ambiental na Alemanha, constituiu a razão principal para a outorga do título de doutor honoris causa em filosofia, concedido em julho de 1992 pela Freie Universität Berlin. Recebeu depois, em Udine, Itália, uma homenagem e um prêmio pela tradução italiana dessa obra. Este trabalho se concentra nos problemas sociais e éticos criados pela tecnologia. Jonas insiste que a sobrevivência humana depende de nosso esforço para cuidar de nosso planeta e de seu futuro.

[19] Luc Ferry, filósofo, nasceu em 1^o. de janeiro de 1951, em Colombes, nos Hauts- de-Seine, Paris. Foi Ministro da Educação, em França, entre 2002 e 2004. Ferry tem sido um dos principais defensores do Humanismo Secular, visão de mundo que se contrapõe à religião, por conta de seu compromisso com o uso da razão crítica, em vez da fé, na busca de respostas para as questões humanas mais importantes. Define a filosofia como uma soteriologia, isto é, uma doutrina da salvação. Ela é, assim, uma concorrente das grandes religiões, e não é, portanto, mais do que uma reflexão crítica. Ferry tem uma vasta produção escrita e em seu livro de 1992, *Le Nouvel Ordre écologique* (subtítulo *A árvore, o animal e o homem*), prêmio Médicis de ensaio e prêmio Jean-Jacques-Rousseau (lançado no Brasil como *A nova ordem ecológica*. São Paulo: Ensaio, 1994), ele critica certas tendências do ecologismo, em particular a Ecologia Profunda representada no pensamento dos filósofos Hans Jonas e Michel Serres.

[20] FERRY, Luc. *Aprender a viver: filosofia para os novos tempos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. p. 51.

[21] Conforme matéria de 10 de março de 2008 – Vaticano divulga lista de novos pecados capitais, em Globo.com. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL344282-5602,00.html10/03/2008>>.

[22] OLIVA, Alberto. *Anarquismo e conhecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 10.

[23] ELLIOT, Lorraine. *The global politics of the environment 1977*. Londres: MacMillan Press, 1998. p. 253.